



ITALIA—CIDADE DE SAN-LÉO.

A pequena cidade de San-Léo, nos estados romanos, fica situada a sete leguas de Urbino, a dez de Rimini, a tres de S. Marino, e não conta mais de mil e duzentos habitantes.

Poucos viajantes conhecem esta povoação; porque além de não estar na direcção das estradas principaes, frequentadas ordinariamente pelas seges de postas e diligencias, a vereda que conduz ás suas portas é accessivel apenas aos peões, e só com grande difficuldade aos cavalleiros.

As portas de San-Léo são pequenas, bem vigiadas, e precedidas de uma ponte levadiça; passada esta ostentam-se ao viandante bellos campos, formosos jardins, commodas, e elegantes casas, e alguns monumentos, entre os quaes deve notar-se uma igreja mui antiga, *la pierre*, dedicada á santissima Virgem, e a cathedral, edificio mais moderno e mais vasto, dedicado a S. Leão Dalmata, primeiro bispo da cidade: porque San-Léo foi séde de um bispado, até o anno de 1572; n'esta epocha Gregorio VIII designou Penabili para residencia dos prelados, que todavia de-

vem officiar solemnemente todos os annos, no dia primeiro do mez de agosto, na igreja cathedral de San-Léo.

Além dos edificios que apontamos como dignos de chamarem a attenção do observador curioso não tem San-Léo outros que mereçam mencionar-se pelo seu character monumental, a não serem o convento dos observantes, fundado por S. Francisco de Assís, e o palacio da municipalidade, construido pelos florentinos no pontificado de Leão XI.

A velha fortaleza, que domina a cidade, sustentou valorosamente na idade media longos e apertados cercos. Como todos os castellos antigos este de San-Léo perdeu porém grande parte da sua importancia depois da invenção da artilharia.

A nossa gravura representa a vista geral da cidade; no alto de um cabeço escavado observa-se o roqueiro castello, com as suas muralhas ameiadas, e seus amplos aquartelamentos, similhando uma pequena cidade. Lá se vê, em um dos baluartes, flutuar a bandeira do papa.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III. —

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA,

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

III.

Nomeado para a relação do Rio de Janeiro Antonio Diniz continuou n'ella desde 1776 até 1787.

N'este meio tempo graves mudanças politicas occorreram no paiz.

El-rei D. José fallecêra no dia 23 de dezembro de 1776, e o seu valido o marquez de Pombal retirava-se dos negocios, em 4 de março de 1777, ainda louvado e premiado pela soberana, mas descobrindo já no horisonte a tempestade com que o ameaçava o odio dos seus emulos.

O partido da antiga aristocracia, da nobreza puritana, que o conde de Oeiras julgava ter decapitado na praça de Belem por mão do verdugo, animado pelos escrúpulos de D. Maria I, e seguro da impunidade, tornou a alçar a fronte, e ancioso de vingança, nada omittiu para que o desagrado real contra o ministro se convertesse em estrepitosa perseguição.

Indigitado como victima necessaria dos seus irreconciliaveis inimigos, Sebastião José de Carvalho experimentou na queda os rigores e as inconstancias da fortuna.

A memoria dos serviços passou logo, e o esquecimento dos beneficios tornou ingratos até os que lhe deviam mais.

O povo, que elle tinha procurado levantar, pagou-lhe com assuadas e cântigas, pizando prostrado aquelle que de pé, e ao lado do monarcha, lhe fazia baixar os olhos.

Ao cabo de mais de vinte annos de ministerio o marquez achou-se desterrado, e só com os seus pensamentos, e com a sua consciencia, na solidão da pequena villa do Pombal; penou, é de crer, as dolorosas vigílias, em que o remorso, como um accusador, suscita á cabeceira da ambição o espectro do passado.

De tantos amigos, que ornavam as suas festas e os seus serões, que elevára do pó e enchêra de mercês, poucos ficaram firmes, e mais raros ainda lhe foram fieis na adversidade.

Houve de certo corações generosos, que não renegaram a amizade do homem sobre as ruínas do ministro; mas esses o que fizeram foi avivar a torpeza dos mercadores de graças, almas ignobeis, que apenas Carvalho succumbiu, e ainda com os labios quentes do ultimo osculo, que lhe depozeram na mão, correram a forrar as paredes dos novos protectores, vendendo sem pejo segredos e confidencias, que dias antes escutavam inclinados.

Por honra nossa o commum dos homens não é assim. Se o sol que nasce encontra alguns de joelhos, e se o astro no occaso nem já os vê fugir, ha quem os não imite.

De mais, a ira dos perseguidores do ministro decaído, e a cega parcialidade dos seus emulos, não perdoavam facilmente á lealdade e ao reconhecimento.

A inteireza de animo com que o marquez, mesmo do seu exilio, os dominava, humilhando-os de alto com o seu desprezo, confundindo os enredos, convencendo as calumnias, e denunciando a incapacidade

dos successores, exacerbava a paixão d'estes, servia-lhes de pretexto para que amiudassem os golpes; e para o ferirem mais vezes e de mais perto, não poupavam injustiças e agravos aos que ainda ostentavam o valor de confessar a sua devoção á pessoa, tendo manifestado antes vivas sympathias pelo ministro.

José Basilio da Gama, o auctor do *Uraguai*, só pelo honroso delicto da sua obra, esteve a ponto de saír do emprego de official da secretaria de estado.

O capitão Manuel de Sousa, por haver commettido a impiedade de traduzir o *Tartufo*, foi preterido na promoção, e perdeu o posto que lhe pertencia.

A seita ultramontana resurgia á voz do nuncio, e sob os auspícios de um gabinete, influido por frades e beatas, não duvidava perseguir o congregado Antonio Pereira de Figueiredo, querendo obrigar-o assim a expiar as paginas condemnadas em Roma da sua *Tentativa Theologica*.

No meio d'este desencadeado temporal o que podiam fazer os timidos? Calar no peito as affeições, guardar só comsigo a gratidão, e com o maior resguardo figurar de indifferentes e de neutros.

O marquez de Pombal era o mesmo que o aconselhava aos seus intimos, lucrando mais em os ver conservados em logares, aonde fossem uteis ao estado e ao seu protector, do que em ser causa de demissões, que, augmentando o numero dos infelizes, de nenhum proveito lhe podiam ser.

A ausencia, a sua indole branda, e a jovialidade natural do seu character salvaram Diniz de participar dos perigos, que então corriam outros amigos, cujo unico delicto seria tambem seu. Fiel á benevolencia com que o marquez o distinguira, e sincero em declarar sem equívocos a sua gratidão, nem por isso attrahiu sobre si a animadversão.

Mais prudente, ou menos resoluto, do que José Basilio, a sua lyra emmudeceu; e absteve-se de cantar o protector, que nos dias de sol do seu poderio tantas vezes celebrára.

Foi de certo uma tibieza indesculpavel. Sebastião José de Carvalho, de feito, só começára a viver verdadeiramente para a historia e para o louvor isento desde a data da sua demissão.

As injurias que invejosos, antes curvados aos seus pés, lhe verteram sobre o coração para amargar as tristezas da sua velhice, eram, ou deviam ser outros tantos motivos, que excitassem os seus amigos a antecipar-se ao elogio da posteridade; porque o grande homem principiava ali, nas sombras do desterro!

O Diniz não teve animo para isso. Acovardou-se; e é provavel, que reservasse para si, ou para alguns confidentes, a expressão dos sentimentos mais reconditos.

Fez peor ainda.

Commetteu a fraqueza, para não lhe applicar epitheto mais severo, de mutilar as copias do *Hyssope*; que pôde haver á mãos, riscando d'ellas quantos versos encomiasticos, e quantos applausos a musa lhe ditára a favor das reformas, tentadas durante o reinado de D. José pela iniciativa do marquez de Pombal?

A reedificação de Lisboa, a expulsão dos jesuitas, a fundação do collegio dos nobres, a reforma da universidade, e o estabelecimento dos estudos menores, que no poema davam thema exuberante aos enfaticos argumentos do deão, e ás objecções reverentes e recatadas do guardião dos capuchos, desapareceram do manuscrito, e foram os seus dedos ingratos que os apagaram d'este episodio extenso, reccio-

sos da reacção fradesca que, preponderante com a ruína do ministro, podia tirar armas dos seus versos, e fazel-o mal visto do governo.

Esta nodoa, que nenhum sophisma escusa, ficará indelevel sobre o character do poeta. Antonio Diniz, tendo estendido a mão, e apertado a do marquez, como protector e amigo, não podia sem desdouro, e depois, aparar á tesoura os metros laudativos, com que encarecêra os seus serviços.

Se os gabos foram justos, eliminando-os, mentiu á consciencia e trahi a verdade por medo. Se eram adulações e lisonjas, deixar de embalar o thuribulo, e esconder o elogio perante a adversidade, parece uma covardia, para não dizer tudo.

Que differença entre a lastimosa contemporisação de Elpino e o procedimento de José Basilio da Gama! Como um escondendo-se dos proprios actos fica pequeno, e outro se levanta e cresce, repetindo alto e firme, na presença do infortunio, o que tinha applaudido nas horas de grandeza.

Se são suas, como conjecturo, as estrophes da ode á queda do marquez, como exaltam o homem e o cantor!

Não o vil interesse de ouro ou prata
 Não a esperança de honras,
 A minha voz levanta! Nem da plebe,
 De subitas catastrophes amiga.
 As tumultuosas ondas me arrebatam,
 É só, é só a gloria
 É o amor da virtude quem me inflamma.
 Debalde os mares tumidos c'o vento
 Que brama e ronca ao longe
 Tentam com furia enorme a immovel rocha,
 Que o grosso rolo d'agua estala e quebra
 Sobre o fixo cachopo alcantilado,
 Em vão no ar saltando
 Em branca e crespa escuma cae desfeito.
 Magnanimo marquez, tu com sereno
 Intrepido semblante,
 Encarando a fortuna, rugir ouves
 Da ingratição o monstro abominavel;
 Tu, com placido espirito, olhas cercado
 De imposturas e affrontas,
 Satyras vis de petulantes momos.

Os versos, que seguem estes e completam a peça, não correm menos vehementes, nem se afrouxa n'elles a chamma, que os abraza.

A ultima estrophe vingadora ameaça com a voz da indignação os peitos venaes, cujo coração era um estomago, cujas maximas foram a cobiça e a paixão do ouro.

Como o Diniz, se a lesse, havia de empallidecer, e inclinar a fronte! Como lhe devia lembrar, aqui, o grande animo do Garção, incapaz de insensar o idolo no poder, mas por isso mesmo incapaz, depois de decaído, de sumir o louvor gravado durante a sua prosperidade!

Ouçamos a reprehensão, que a musa, accesa em ira e pejo, inspira ao vate:

Almas eu vejo de remorso cheias
 C'o as mãos tapando o rosto
 Confusas esconderem-se aos meus versos;
 Comvosco fallo oh vós, ao braço ingratos,
 Que ás honras vos subiu de alga e lodo:
 Tremei, tremei indignos,
 Ouvindo a voz terrivel da verdade.

Em 1787 Antonio Diniz recolheu-se ao reino, depois de onze annos de exercicio na relação do Rio

de Janeiro e entrou na supplicação e casa do Porto, aonde poucos mezes se demorou.

Despachado em commissão novamente para o Brazil, em virtude do levantamento de Villa Rica, nunca mais tornou á patria.

Subindo á dignidade de chanceller da relação do Rio de Janeiro, já com posse no conselho ultramarino, falleceu em 1799, chorado geralmente pelos seus affeioados, e não menos sentido pelos seus consocios da academia real das sciencias de Lisboa, fundada pela rainha D. Maria I a instancias do duque de Lafões, principe a todos os respeitos digno do favor da soberana, e da estima dos sabios, para os quaes foi sempre esclarecido e disvelado protector.

As obras poeticas, e algumas curtas prosas, do Diniz, á excepção, do *Hyssope*, foram collegidas em seis volumes por um douto academico, e publicadas desde o anno de 1807 até ao anno de 1817.

Antonio Ribeiro dos Santos, que tão de perto entrara na convivencia de Elpino, e que foi tão sincero admirador de seu engenho, não lhe chegou o tempo para nos traçar a biographia completa do seu amigo pela alma e pelas letras.

Como de tantos outros nomes illustres, apenas restam de Diniz e da sua vida noticias escassas, e dadas soltas. Da sua existencia intima, das feições moraes do seu character, e da expressão familiar do seu talento, nem esses mesmos apontamentos subsistem. O homem todo passou para o livro, ou a morte roubou-nos metade da sua physionomia? Eis o que se ignora, e o que é já hoje impossivel decifrar.

O exame das suas obras talvez nos dê o fio para nos guiarmos algumas vezes; mas, quem ignora, quanto elle é facil de quebrar, e de se emaranhar, tecido apenas de frageis conjecturas?

L. A. REBELLO DA SILVA.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA — SECCULO XVI).

V.

Vimos no ultimo apontamento, que n'algumas parochias de Lisboa em 1551 se calculára ter cada vizinho 14, 8, 7, 6, e mais de 5 pessoas, o que não exagera o numero da povoação em menos de 10:000 habitantes.

Não sei as razões, em que o academico J. J. Soares de Barros se fundou para attribuir 5 pessoas a cada uma das familias que foram recenseadas no reino, em 1527, por ordem de D. João III, e para rectificar depois o calculo reduzindo aquelle numero a 4, 8 pessoas, que, ainda assim, para muitos parecerá por exagerado. Analogias como as que tirou do numero de fogos e pessoas de communhão existentes em Villa Nova de Milfontes, Melides e Sines, parece-me que não podiam proporcionar-lhe dados senão puramente conjecturaes e pouco dignos de fé, qualquer que fosse a epocha de que se tratasse.

Além d'uma infinidade de causas de ordem physica e moral, que não persuadem que fosse diminuta em Lisboa a taxa da mortalidade, é preciso não esquecer que na população arrolada por diligencia de Christovão Rodrigues, como se deduz do seu *Summario*, havia:

1.º População livre 90:050 habit. ou 90, 05 por cento
 2.º " escrava 9:950 " ou 9, 95 "

O. individuos que compunham o 2.º grupo, onde certamente havia de avultar o numero dos do sexo masculino (1), não auctorisam de nenhum modo a supposição de que não attenuassem o numero relativo dos matrimonios e nascimentos, e não fossem tambem um obstaculo indirecto ao crescimento da população, ainda que não estivessem, como estiveram na antiga Roma, privados do direito de casar.

Dos quadros estatísticos publicados pelo governo civil de Lisboa em 1854, e dos numeros (2) relativos a Madrid publicados pelo illustrado e benemérito estadista D. Pascual Madoz, deduzi eu a seguinte relação:

LISBOA. (3) Anno 1854.

	Habit. por fogo
Bairro do Rocio	4, 26
» d'Alfama	3, 83
» Alto	3, 82
» d'Alcantara	3, 15
Média	3, 71

MADRID. Anno 1846.

	Almas por vecino
Juzgado del Prado	4, 50
» Barquillo	4, 48
» Rio	4, 29
» Maravillas	4, 12
» Vistillas	4, 06
» Lavapiés	3, 90
Média	4, 21

Em París a relação era a seguinte: (4)

Anno	Pers. par ménage
1841.	2, 89
1846.	2, 95

Com quanto a relação que deixo indicada para o bairro do Rocio, e para Madrid não me pareça diminuta, sei que não posso applical-a á população de Lisboa em 1551, porque a civilisação de nossos dias tem modificado muito as condições da vida civil e domestica, precavendo-se por uma previsão racionalissima, contra a multidão desproporcionada de filhos: não posso, digo, applicar aquella relação numerica, não obstante estar convencido de que antigamente a morte exigia sem piedade muito mais crescido o tributo de vidas, que hoje lhe pagam os povos bem policiados. Dos numeros relativos a París tambem não posso servir-me por considerações peculiares a esta grande cidade.

Não tendo nenhum dado, do qual possa deduzir conscienciosamente a rectificação dos numeros de Christovão Rodrigues, servir-me-hei de um dos dois termos relativos ás habitações e aos fogos para assentar alguma conjectura menos disparatada.

Darei, pois, cinco pessoas a cada visinho ou familia, e tenho a certeza de que não dou pouco.

Assim, a população da cidade de Lisboa, dentro dos limites do muro chamado de D. Fernando, com a população dos arrabaldes, que demorava junto ao mesmo muro, não deverá orçar-se em mais de, numero redondo, 100:000 habitantes, formando, pouco mais ou menos, os seguintes grupos.

(1) Em Roma, no tempo de Augusto, os escravos de sexo masculino, segundo alguns historiadores, eram 4 a 5 vezes mais que os do sexo feminino. Em Athénas parece que a proporção chegou a ser de 12 para 1.

(2) Dicc. Geogr. Estadist. Histor. T. X, 1850.

(3) Enquête sur l'industrie de París (1847 a 1848).

(4) O quadro da população de Lisboa parece-me que está longe de ser exacto. Opportunamente publicarei as considerações, que a decomposição dos seus numeros me suggeriu.

— População domiciliada, livre . . .	80:050
— " " escrava . . .	9:950
— Estrangeiros: residencia fixa . . .	3:800
— " " temporaria . . .	3:369
— Corte e gente armada	1:500
— Mosteiros: { Frades 448	
{ Serventes 90 . . .	538
— " { Freiras 302	
{ Serventes 86 . . .	388
— População dos hospitaes e enferma- rias	1:000
	100:595

O numero das casas arroladas pelos priores e curas em 1551 dá, como vamos ver, certo grau de probabilidade á minha conjectura; isto é, auctorisa a suppor que onde havia só 10:000 casas provavelmente não haveria mais de 100:000 pessoas, ou 10 pessoas por casa.

Manchester em 1757 tinha 3:316 casas e 19:837 habitantes, ou 5,98 por casa; em 1821, tinha 21:156 casas e 133:788 habitantes, 6,32 por casa.

Liverpool em 1760 contava 5:156 casas e 25:787 habitantes, ou 5 por casa; em 1821 contava 20:339 casas e 118:972 habitantes, ou 5,84 por casa.

Londres em 1841, se o Dictionario Universal de Bouillet me não engana, tinha 1.870:727 habitantes e 165:000 casas, isto é, pouco mais de 11 habitantes por casa. Esta relação superior numericamente á que fica estabelecida para Lisboa, não sei eu se prova a existencia d'uma população mais densa e apertada do que a d'esta cidade em 1551. É verdade que Christovão Rodrigues d'Oliveira diz no seu *Summario* que as mais das casas eram de 2, 3, 4, e 5 sobrados; mas o bairro de Alfama ahi está para nos mostrar o que n'aquella epocha seria Lisboa com a estreiteza e tortuosidade das suas ruas, e acanhamento das suas habitações.

Algumas cifras historicas que me são conhecidas tambem não contrariam a minha hypothese. Athenas tinha 10:000 casas e 100:000 habitantes. Boeckh, segundo affirma D. de la Malle, provou que 14 habitantes por casa eram ali considerados como um numero excessivo, e que o termo medio era 10 habitantes.

Em Roma, no seculo IV da era christã, parece que a população, não contando a dos arrabaldes, não passava de 382:695 habitantes. Se assim é, e se n'aquella cidade havia, segundo Publius Victor, 47:625 (1) casas, é evidente que não se deve calcular por cada casa mais de 8 pessoas.

Rematarei por hoje com as seguintes observações, destinadas a dilucidar de algum modo os termos numericos da minha hypothese.

Naturaes domiciliados: 80:050. — Se ha erro n'esta cifra, não é, de certo, no sentido de exaggeração. Não póde nem deve dar-se mais de 5 pessoas a cada fogo.

População captiva: 9:950. — Sabe-se que era grande o numero de individuos, que as nossas naus traziam das conquistas para o reino, e eram aqui conhecidos pela denominação de escravos ou captivos. Se não fossem tão numerosos, é natural que não pudessemos lér na *Miscellanea* de Resende a sua espi-rituosa copla:

(1) *Insulae* ou *Tabernae* 45:795, e *domus* (palacios ou casas nobres) 1:830.

«Vemos no Reyno metter
 «Tantos cativos crescer,
 «E irem-se os naturaes,
 «Que se assim fôr, serão mais
 «Elles que nós a meu ver.

Estrangeiros estantes: 3:800. — É uma pura hypothese; estou porém persuadido de que não pôde ter-se por diminuta a cifra, se se attender: 1.º a que na população da freguezia do Loreto, composta de familias italianas, figuram 8:679 pessoas, que perfazem com as 3:800 da minha hypothese 12:479; 2.º a que a população hebreia, dizimada pelas fogueiras, e obrigada pelo terror a converter-se ao catholicismo, figurando, por isso, uma parte nos roes das parochias, e vivendo refugiada de Lisboa a outra parte, que deveria permanecer aqui, se a intolerancia e o fanatismo d'aquelles tempos não a perseguissem, não podia elevar-se a grande numero na capital.

Estrangeiros adventicios: 3:369. — É outra hypothese. Mas Lisboa, em 1551, não seria mais visitada por estrangeiros do que Paris, na quadra brilhante do imperio e depois da paz. Estatistas francezes affirmam que n'aquella epocha nunca os estrangeiros ali foram menos de 20 mil nem mais de 30 mil, d'onde deduzi a relação média de $3 \frac{1}{100}$ por cento, que me dá 3:369.

Côrte e gente armada: 1:500. — Era grande o numero de pessoas que costumavam andar na côrte, e acompanhar os reis nas suas jornadas e viagens aos concelhos do reino. Varias vezes os povos representaram contra aquelle abuso, (1) mas deve notar-se que muitas familias dos criados da casa real pertenciam a differentes parochias, em cuja população provavelmente já vão contempladas. Poderá, talvez, calcular-se que dentro dos muros do paço não haveria mais de 400 a 600 pessoas. A gente armada, que é outro elemento d'esta cifra, comprehendia grande numero de homens de chuça, que necessariamente haviam de ser arrolados em differentes parochias.

Frades e servidôres: 538. — Compreendi no calculo só os mosteiros, que então havia no recinto do muro de D. Fernando, e são: N. S. da Graça com 70 frades mais 10 servidôres; — S. Vicente de fóra, 30 + 10; — S. Domingos, 100 + 20; — Trindade, 18 + 10; — Carmo, 70 + 10; — Santo Eloy, 40 + 20, — e S. Francisco, 120 + 10. — Exclui os de S. Jeronymo, de Belem, 55 + 40; — S. Domingos, de Bemfica, 33 + 6; — S. Bento, 37 + 26, — e S. Francisco, de Xabregas, 50 + 6.

Freiras e serventes: 388. — Os mosteiros que comprehendí no calculo são os seguintes: Salvador com 80 freiras mais 15 serventes; — N. S. da Rosa, 33 + 12; — Penitentes da Paixão de Christo e o mosteiro das Orphãs, 36 + 19; — Annunciada, 53 + 15, — e Santa Clara, 100 + 25. Estes dous mosteiros estavam fóra do recinto do muro, mas a mui pequena distancia. Não os exclui do calculo por esta razão, e porque o arrolamento, segundo declara Christovão Rodrigues, comprehendeu tambem a população, que havia fóra das portas, junto á cerca ou muralha. Não figura, porém, na minha conta a povoação dos seguintes mosteiros. N. S. da Esperança, 37 + 28; — Madre de Deus, 46 + 12; — Santos, 39 + 73; — Chellas, 60 + 25, — e Odivellas, 118 + 50.

População dos Hospitaes: 1:000. — Este numero parecerá exagerado, se se comparar com o de 1:600 pessoas, que se calculou existirem, no anno de 1821,

nos hospitaes e misericordia de Lisboa (1). Cumpre, porém, advertir que, em 1551, só engeitados contava o *Spirital de todollos santos*, onde aquelles infelices eram então lactados e tratados, 450 a 500.

Não possuo dados, que me dêem a prova arithmetica do meu calculo; mas, repito, se ha erro, as razões que tenho apontado levam a crer antes excesso, que diminuição.

Lisboa em 1551 não poderia ter mais de 100:000 habitantes.

Vejâmos, porém, se é possivel achar alguns dados, que, indicando a superficie que a cidade occupava, e a densidade da sua população, possam justificar, ou tornar menos improvaveis as minhas conjecturas.

JOÃO MARIA NOGUEIRA.

NATAL.

I.

Lá soam trindades:
 Alegra-se a torre,
 E o som vel-o corre
 Nas azas do vento,
 Divino portento,
 Do mundo o resgate,
 Amor sem quilate,
 No proximo dia,
 Ao mundo annuncia.
 Em treyas submerso
 Jazia o universo,
 De luz então ermo:
 E o Verbo increado,
 Agora humanado,
 Ao mal vem pôr termo.
 — Não rei, nem senhor,
 De gloria cercado,
 Qual foi no Thabor;
 Leão de Judá
 A nós não virá.
 Humano, singelo,
 Que não menos bello,
 A nós descera.
 Mansinho cordeiro,
 Bemvindo romeiro,
 Agora será.
 Então, Deus sob'rano,
 As pompas ostenta,
 A espada que fere
 Na dextra sustenta;
 Agora prefere
 Nascer tamanino.
 Humano na fórma,
 Na essencia divino:
 Que assim, homem nado,
 Sem throno, sem anjos,
 Sem céu estrellado;
 Se vel-o recreia,
 A todos enleva,
 Ninguém o receia:
 Que a santa doutrina,
 Por bem, mais se ensina.

II.

Bateram as onze;
 E os echos do bronze

(1) Côrtes d'Evora 1481-1482, e Côrtes de Lisboa de 1498.

(1) Tabella na lei de 17 de julho de 1822

Revibram de novo.
 Contente d'ouvil-os,
 Alegra-se o povo;
 Que, todos á hora,
 Velando o serão,
 Attentos estão.
 —Meia noute a pino
 A torre a bater!...
 E logo o Menino
 Na terra a nascer;
 Que o novo planeta,
 Divino propheta,
 Que a luz nos envia,
 Jesus annuncia,
 No céu é já nado.
 —E d'elle guiado,
 O rei, que é senhor,
 E o pobre pastor,
 Da sacra Bethlem
 A caminho vem.
 —E já, por mil modos,
 Alegres são todos!

III.

Pedago ao madeiro,
 Que ardendo é no lar,
 Vae este cortar;
 E o guarda, na crença,
 Que acceso é defensa,
 Qual sóhe vela benta,
 Santelmo, em tormenta.
 Seus trages apresta,
 Quer este, quer esta;
 Acciam-se as casas,
 Que é proxima a festa.
 E forno, ou lareira,
 Por pobre que seja,
 Que o lume não veja,
 A havel-o, só raro,
 E em casa d'avaros.
 Só esse ha de ser,
 O que a meia-noute
 Não queira fazer.
 —E missa acabada,
 Geral consoada.
 E os varies presentes,
 Agora mandados,
 E logo trocados,
 Que fallam, que são
 Memoria ditosa
 Dos tempos d'então.
 —E já, por mil modos,
 Contentes são todos.

Presepio sagrado,
 Mui bem perfumado,
 Qual orna, alumia,
 Que é vindo o seu dia.
 —Qual rompe em descantes,
 Cantando ao divino,
 Virtudes louvando
 Do Deus pequenino.
 —Qual, feita oração,
 E á prole, que escuta
 Impondo attenção;
 Assim, do presepio
 Lhes faz traducção:

IV.

No concavo espaço de pobre lapinha,
 Jesus,—não o vêdes, que á face reclina?
 Pois nú, sem conforto, sem cama, que o seja,
 Em tal desamparo—que bem nos ensina!

Olhae-as: não lêdes, nas ôcas palbinhas,
 Vacias, sem pezo,—que assim todas são;
 Estarem dizendo:—vaidosas soberbas,
 Do mundo só valem, quaes ellas,—mais não?

Das galas terrestres, desprezo, não dizem,
 Estreitas, singelas, as faixas que o adornam?
 Um Deus infinito, não diz —pequenino!
 Aos que ousam ser grandes,—que em loucos se tornam?

No mez, em que a terra, de fructos minguada,
 Se veste mais triste,—vir Elle nascer;
 Mundanos thesouros, que avaros apinham,
 Oh quanto são falsos!—não vem a dizer?

Se tenro menino, já diz, symbolisa,
 Mimoso perfume de sã castidade;
 Jesus—flôr nascida na terra mais virgem,
 Peccado não culpa da sensualidade?

E o vir a deshoras, ao pino da noute,
 Instante supremo de mór quietação;
 Não é, contra a ira, divino preceito,
 Exemplo, que falla, que diz—mansidão?

Das varias, profusas, compostas viandas,
 Lisonjas do vicio, que á morte dão pressa;
 Recente infantinho, que em seio materno
 Sustento só busca;—seu mal não expressa?

Jesus, de tão alto, descer hoje á terra,
 O rei do universo, vir ser nosso igual;
 Não diz—caridade,—não culpa egoistas,
 Que nutrem da inveja veneno mortal?

Um Deus, que mil mundos creára d'um sópro,
 Vir, só por salvar-nos, soffrer paciente
 Fadigas e tratos;—não diz, não ensina,
 Que o bem só grangeia quem fôr diligente?...

Que exemplo e conselho,
 Oh fonte de luz,
 Menino Jesus,
 A um tempo nos daes!
 Bemdito sejaes.....

V.

Bemvinda a usança,
 Que a fé—se fallece,
 Assim robustece;
 Que, assim nol-a entrança
 De grato folguedo.
 A fé, que põe medo,
 Na mente o enleio;
 Agora é recreio,
 Que todos captiva;
 Ninguém se lh'esquiva!
 —Orvalho celeste,
 Que a rosa pendida
 Remoça, dá vida;
 Seu calice abrindo,
 Corando mais vivo,

Canção repetindo,
• Em voto festivo
De grato louvor,
Ao seu Creador!

Mafra, dezembro de 1855.

J. DA C. CASCAES.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

O passa-pau: não haverá meio de o acabar? — Um pacto iniquo. — O colloquio. — Dous encontros. — É bom prever o futuro. — Uma sangria entre os papeis. — A anciedade e as dores. — Os knockings africanos, ou uma scena de magnetismo. — A predicação.

— E eu que fui tão insolente contigo, tão injusto! como te vingas tão nobremente!... Ah! perdão.

— Perdão de que? pobre pagão. Offendeste-me, mas um christão soffre com resignação, e perdoa mesmo sem que se lhe peça; affrontaste-me, mas eu sou portuguez, e um portuguez vinga-se como eu me estou vingando. Não fallemos de mim, que esqueci tudo assim que te vi a braços com a desgraça; fallemos de ti; o que pensas fazer? Pimping está furioso, e quer tomar de ti uma vingança tão cruel como a que tão barbaramente tomou de Kadé.

— E essa infeliz, cuja ruina causei...

— Está muito mal; póde até ser que não escape ao horroroso castigo que soffreu. Se por um accaso me não achasse aqui, talvez que fosse hoje o ultimo dia de sua vida. Pimping é um tigre; é como são todos estes malditos inglezes.

— Sempre bom, meu Valerio. Oh! e como eu me enganei com este filho da Inglaterra! Mas tambem o odio que me inspira abrange todos os do seu reino: todos para mim são Pimping; de todos que me caírem nas mãos hei de vingar-me como se vinga um filho de nossas florestas.

Valerio alegrou-se interiormente; a segunda parte do seu plano estava em boa via d'execução; a primeira esperava elle conseguil-a mais tarde, mas conseguil-a. Tomando, porém, um ar hypocritamente compassivo, accrescentou: mas tratemos de ti, que é o que agora nos deve occupar. Como hade estar Kiangi afflicta, e cheia de cuidados! ha tanto tempo que passou a hora em que costumavas achar-te com ella: coitadinha!

Ao ouvir este nome Ondotó estremeceu. Todos os seus sentimentos, que um amor puramente animal como que tinha feito adormecer, acordaram com uma força, como uma violencia tal que o coração doia-lhe como se tivesse dentro um corpo estranho que lhe não cabia; levou uma mão ao peito apertando-o com força como se quizesse comprimir esse coração tão maguado, e exclamou: Tenho tantas saudades d'ella! e meu filho, se já terá nascido...

— Pois por isso mesmo é que é preciso cuidarmos no meio de te resgatar: queres que chame Pimping?...

— Oh! não, não, não o chames, que de certo o mataria se apparecesse agora diante de mim. O teu procedimento para comigo enche-me de admiração e de reconhecimento; mas não posso, vejo bem que não posso imitar-te, que não posso ser tão generoso como tu; vejo pela febre que me escalda o sangue, pela ferocidade das idéas que me fervem na imaginação, que o atravessaria com esta azagaia, ou que o estrangularia em meus braços nervosos e duros como o ferro. Será porque não nasci portuguez? Se-

rá porque não tive a ventura de ser christão? Ha de ser isso. O Valerio, como és feliz! Mas arranja tu isso: arranja o meu resgate com Pimping, como puderes, como quizeres; mas que eu saia já d'esta casa, que eu vá ver a minha Kiangi, e desde já subscrevo a tudo. Por mais duras que sejam as condições, nada póde igualar ao tormento em que me acho.

E dizendo isto, Ondotó beijava as mãos de Valerio, e punha-as alternativamente sobre o seu coração, e sobre a sua cabeça.

Tudo lá ás mil maravilhas para Valerio, e por isso a sua alegria era extrema; era comtudo necessario não o dar a conhecer, e o grumete não ficava n'essa parte devendo nada aos nossos homens d'estado. Tomou um aspecto constrangido, para pedir a Ondotó que o não encarregasse d'uma commissão tão ardua, que o arriscava a comprometter-se com um, ou com outro dos contratantes, ou talvez com ambos; porque as condições de Pimping podiam ser tão duras...

— Já disse que sejam quaes foram; ainda que seja para me vender para o Brazil, ou para a Havana, eu accito: que mais duras condições podem ser do que essas?

— Está bom, encarrego-me do ajuste; mas accredita que é a maior prova de amisade que podia dar-te...

— E como tal a considero; e por isso ser-te-hei tão dedicado como o cão do branco o é a seu senhor. Adeus, meu Valerio, adeus, que não posso deter-me...

— Espêra, Ondotó; bem sabes que os brancos não se contentam com estes ajustes de palavras que se usam entre nós. Como são velhacos, e muito capazes de negar amanhã o que disseram hoje, querem segurar-se, e inventaram os contratos escriptos, que cada um assigna, porque não póde negar o que escreveu, tão facilmente como negaria a palavra, que o vento faz voar e desaparecer. Assim é necessario que me auctorises por escripto para fazer o contrato.

— Mas eu não sei como se faz isso. Ainda que os frades me ensinaram alguma cousa a escrever só posso fazer o meu nome...

— Pois bem, isso basta: assigna o teu nome n'este papel em branco (*dá uma penna a Ondotó, e este prepara-se para assignar*) aqui... não tanto acima... agora, ahí mesmo... Bem! Podes retirar-te, meu Ondotó, deixa o negocio por minha conta, e vae descansado. Deus permitta que aches a tua Kiangi...

Quando chegou a esta palavra já Ondotó tinha galgado a escadaria em tres saltos, e corria que parecia que voava. O nosso Valerio teve bem vontade de accrescentar... *com uma perna quebrada*; e creio que mentalmente foi assim, ou peor, que terminou o desejo que tinha com intenções na apparencia mais benevolas; comtudo não disse nada. Esteve alguns momentos olhando para o papel onde se liam as garbulhas de Ondotó, riu-se com um riso feroz; e chegando com elle á porta da sala, gritou para Pimping: *Olá! temos o passaro no laço.*

Pimping chegou esbaforido, e não vendo senão Valerio com um papel na mão, e aquella bronzeada cara sempre tão impassivel, e agora tão radiosa de jubilo, procurou por toda a sala a ver se dava com Ondotó, e não o achando:

— *Temos o passaro no laço*, na mesma occasião em que o deixas fugir! Valerio, tu abusas da minha condescendencia... Olha o que fizeste: Kadé tomou á letra as tuas lições, e privou-me dos lucros que d'ella podia esperar, Ondotó fugiu, e ainda em cima fazes escarneo de mim. Já te não posso soffrer.

Valerio poz-lhe o papel diante dos olhos, e apon-

tando com a outra mão para a assignatura de Ondotó, disse-lhe:

—Se eu pudesse imitar a linguagem hypocrita dos teus protestantes, diria com o ar mais abeatado que pudesse arranjar: Homem de pouca fé; pois não vês isto? não sabes que por cima d'esta assignatura podemos escrever o que quizermos, e que ao lado d'ella debes estender o teu nome, e que depois...

—Ficámos peor do que d'antes. É Ondotó que eu queria; queria rasgar-lhe aquellas carnes com o chicote, queria vendel-o; queria...

—Querias que uma azagaia te pregasse no tronco de um poilão, como um d'estes quadros que se vem na tua sala, e que balouçam agradavelmente quando a briza os açoita? Havia de ser um bonito quadro o do sr. Pimping, imitando uma imagem de S. Manuel! Aposto que ainda não vistes nenhuma. Pois se quizeres, posso mostrar-te uma que lá tenho em casa com um ferro espetado na cabeça e prezo ao tronco d'uma arvore, que era da igreja dos frades capuchos, e que passou para minha casa, como outras muitas cousas passaram para as de alguns individuos que moram por aqui bem perto.

Sempre és bem tolo. Então tu cuidavas que os negros papeis te deixariam vender Ondotó? Cuidavas que o governador havia de consentir que aqui alguém o comprasse, quando apparecesse alguém tão sem miolo que o quizesse ainda que fosse por um frasco de aguardente? Tira d'abi o sentido para lembrar-te o muito que podes ganhar por este meio. Olha que Ondotó nem ainda pensou que tu não podias castigar-o, nem vendel-o a não queres morrer de morte macaca; e como está possuido de receio, hade fazer o que nós quizermos.

E os dous continuaram a disputar longamente antes que Pimping se convencesse de que o que Valerio tinha feito era o que lhe convinha mais; que a sua intriga tinha sido tão bem combinada, que elle agora se achava mais senhor de Ondotó, do que se o retivesse escravo em seu poder. Mas enfim convenceu-se.

Ambos combinaram o que se havia d'escrever como sendo o pacto de resgate de Ondotó. Confessava-se este incursão na pena d'escravidão em proveito de Pimping, por ter abusado da hospitalidade que este lhe offerecera para seduzir a sua dona-casa, e promettia que para se resgatar havia de fornecer ao mesmo uma carregação d'escravos-peças sem remuneração alguma; que no caso de herdar o reino antes de ter preenchido esta condição, quando por qualquer circumstancia a demora tivesse procedido de culpa sua, esta carregação seria substituida por duas de vassallos seus; e que no caso de que se recusasse a isso, Pimping ficava auctorizado a tomar-lhe seus filhos e a reduzi-los a escravidão, qualquer que fosse o meio pelo qual pudesse havel-os á mão; que se submettia desde logo a todos os castigos que o Hiram lhe fizesse, e á mercê dos feitiços, em castigo de ter quebrado este pacto, se a elle faltasse.

Em quanto estes dous malvados assim dispunham de todo o futuro de Ondotó, este voava nas azas do amor para junto da sua querida, que anciosa e cheia de afflicção o esperava: umas vezes embalada pela doce esperança de o ver tanto mais depressa, quanto mais longa tinha sido até então a demora; outras atormentada pelos receios de que algum desastre tivesse acontecido a seu esposo. Admirava-a uma tão longa ausencia; não havia imagem lugubre que a sua imaginação lhe não suscitasse; mas nunca, não, nunca suspeitou sequer qual fosse a verdadeira cau-

sa d'esta separação tão longa, e tão cruel: a pobre-sinha morreria de dôr se o soubesse.

Que se affigure o seu sobresalto, quando o viu entrar com a violencia do tufão pela porta dentro; caír-lhe nos braços, e enchendo-a de mudas caricias, viu tambem que dos olhos caíam torrentes de lagrimas, silenciosas como as de um grande desgosto, que não dá logar á voz para exprimi-l-o, e copiosas como as que o remorso faz nascer! A pobre Kiangi conheceu que o coração de Ondotó soffria, e por isso mais ternura, se é possível, mais amor poz na recepção que lhe fez, nos carinhos que lhe retribuiu.

Mas nem uma palavra lhe saíu dos labios. O que o remorso causava em Ondotó fazia n'ella o susto. Causas diversas produzem muitas vezes identicos resultados. Era uma scena muda esta que se passava entre os dous esposos, cujos corações se exprimiam pelo pranto que manava dos olhos de ambos. Kiangi conhecia já que seu esposo tinha commettido uma falta, não sabia qual fosse, mas em seu coração perdoava-lha por maior que pudesse ser.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

NOVEMBRO 1

1546 — Morte do grande pintor Julio Romano.

2

1496 — Descobrimento da *Desirada* por Christovão Colombo.

3

1833 — Combate em Alcacer do Sal.

4

1808 — Napoleão I entra em Hespanha.

5

1439 — Amadeu de Saboya é eleito papa com o nome de Felix V.

6

1377 — Rompem-se os diques na Flandres, resultando d'ahi terriveis inundações.

7

1683 — Tomada de Courtrai por Luiz XIV.

8

1517 — Morte do celebre cardeal Ximenes.

9

1577 — Começam-se preparativos para a fatal jornada de Africa.

10

590 — Nasce Mahomet, fundador do islamismo.

11

1154 — Nasce el-rei de Portugal D. Sancho I.

12

1036 — Morte de Canuto o Grande, rei de Dinamarca.

13

1808 — Entra em Hespanha o exercito inglez.

14

1524 — Parte Pizarro de Panamá para a conquista do Perú.

15

1630 — Morte do famoso astronomo J. Keppler.

16

1633 — Batalha de Lutzen; morte de Gustavo Adolfo.

17

1405 — Tomada de Padua pelos venezianos.

18

1830 — Occupação de Blidah pelos francezes.